

# AUTISMO: UM OUTRO DESTINO QUE NÃO A SEGREGAÇÃO

---

Sandra Dias

Doutora em Psicologia Clínica, professora titular do curso de Psicologia FACHS/ PUC-SP, coordenadora do curso pós-graduação *lato sensu* "Psicanálise e Linguagem: uma outra psicopatologia".

E-mail: sandra.dias@uol.com.br

**Resumo:** Abordamos o autista como fato de discurso e efeito da conexão do discurso capitalista com o discurso científico na produção de uma segregação fundada num universal e ideal de uniformidade em torno de um traço idêntico à custa da singularidade e da responsabilidade do sujeito diante do desejo e gozo. Apontamos o discurso analítico como uma subversão a esse modelo que pretende domesticar o real que o autismo traz, ignorando as saídas possíveis, pois deixa de lado os aspectos criativos e compensatórios que o sujeito encontra.

**Palavras-chave:** autismo; segregação; libido; pulsão; *sinthoma*; Temple Grandin.

**Abstract:** We approach the autistic person as a fact of discourse and the effect of the connection between the capitalist discourse and the scientific discourse in order to produce a segregation grounded in a universal and ideal uniformity concerning an identical trait at the expense of a subject's uniqueness and responsibility before desire and joy. We point out the analytical discourse as subversion to this model that intends to tame the real that autism brings in, ignoring the potential solutions, as it puts aside the creative and compensatory aspects the subject finds.

**Keywords:** autism; segregation; libido; drive; *sinthoma*; Temple Grandin.

O autismo ilustra o que Lacan situou, em 1967, no texto *Alocução sobre as psicoses da criança* como "o problema mais intenso de nossa época" – a segregação que está conectada com a relação que existe entre o avanço da ciência e o questionamento de todas as estruturas sociais que este traz aparelhado (1967/2003, p. 360).

A segregação é inerente ao discurso e, portanto, algo estrutural. O autismo é um fenômeno enigmático, limite de saber na busca da causalidade, e é também um fato de discurso que liga pais-crianças, aparelho do Estado e a ciência numa política de adaptação comportamental ao ambiente. A inserção do autismo no modelo científico fornece instrumentos que facilitam a rotina da criança e aliviam pais e instituições,

pois parte da universalização do sujeito e de métodos que se centram nos déficits. Ao ignorar a singularidade e suas possíveis saídas, não levam em conta seu lado criativo e compensatório que se encontra no autismo.

O discurso científico homogeneiza os modos de gozo da civilização para manter infância como objeto de práticas de controle do Outro que, através de política de integração pautada no imaginário do grupo, duplica o efeito de segregação, pois sob o ideal de normalização em torno de traços que os torne idênticos há sempre o lugar do objeto segregado como resto de gozo.

Essa lógica do universal, impulsionada pela ciência que é oposta à lógica da psicanálise que toma um a um e corre o risco do inesperado, silencia o lugar do sujeito e apaga a enunciação. Para o discurso psicanalítico, a criança é primeiramente um sujeito, um *sujeito-suposto-saber* da mesma forma que o adulto, assim é mais ao Outro que se trata de educar, aprender a tomar a criança como um *fallasser* mesmo quando ela é falada em demasia pelo Outro, quer como objeto do fantasma ou sintoma desse Outro, mas sempre um sujeito responsável pelo desejo e do gozo, ainda que fora de controle.

O discurso científico aliado ao discurso do capitalismo com suas estratégias de avaliação, controle, vigilância e triagem da infância tentam eliminar o intolerável gozo do sujeito autista, o que conduz ao pior dos destinos sociais – separados juntos na desvantagem. O discurso psicanalítico constitui a subversão radical a tal empresa, pois se dispõe a escutá-lo, permitindo que surja da carapaça, fortaleza, cápsula ou concha um sujeito, que não se confunde com a doença, pois é capaz de se responsabilizar pelo seu gozo e elaborar saber sobre sua patologia tal qual podemos constatar nas realizações de autistas famosos.

Tomando-se o testemunho de Temple Grandin, autista de alto funcionamento, PHD em ciência do comportamento animal, empresária bem-sucedida, professora da Universidade do Estado de Colorado, em entrevista afirma “O autismo é parte de quem eu sou (...) Mas não vou permitir que ele me defina. Sou uma expert em animais, professora, cientista, consultora”, apontando para a face enigmática que a objetualização da criança operada pela ciência não consegue eliminar (GRANDIN, 2013; grifos nossos).

O autismo como posição subjetiva encarna a negativa em relação ao Outro simbólico, implica a rejeição a um modo de ser, habitando uma língua, e não se deixa tomar por nenhum discurso estabelecido, tendo como especificidade no campo social – ser um obstáculo ao processo / discurso educativo – científico.

O autismo entrou no cenário social através dos estudos de Kanner, em 1943, nos EUA, identificando um quadro clínico com problemas de várias espécies e graus, organizado em torno de dois sintomas: a extrema solidão e a imutabilidade, essenciais para o diagnóstico autismo infantil precoce. Asperger, em 1944, em Viena, escreve sob o título de “psicopatia autista” uma síndrome muito semelhante cujo distúrbio fundamental reside na limitação das relações sociais que persiste por toda a vida e sublinha que essas crianças conseguem vencer o muro e ter uma integração social satisfatória.

Enquanto Kanner considerava o autismo um quadro deficitário e de péssimo prognóstico, Asperger apontava os traços positivos ou compensatórias, um modo original de pensamento e experiência que podia levar a realizações de destaque na vida adulta. O primeiro coloca que persiste a “estrutura da personalidade fundamental” e o segundo que “o essencial permanece invariável”, revelando aí o ponto em comum entre esses dois notáveis clínicos que apresentam amostras tão diferentes em graus e problemáticas, mas que suportam uma constante (MALEVAL, 2011, p. 20-22).

A busca de uma invariante no quadro clínico do autismo, que aproxime esses dois estudos permite apresentar uma outra leitura ao espectro de autismo descrito na DSM V que aproximou os autistas de Kanner e de Asperger, colocando-os em continuidade num quadro clínico definido a partir da descrição fenomenológica de comportamentos em função da etiologia e do tratamento corretivo-adaptativo sugerido.

Considerando uma estrutura subjetiva própria do autismo e tomando o que permanece constante, analisaremos o autismo de alto funcionamento de Asperger para lançar uma nova luz sobre o quadro clínico de Kanner porque indicam a porta de saída do autismo e, portanto, o que está na sua origem. Seguimos aqui a orientação de Freud e Lacan que, na análise da autobiografia de Schreber, postulam a explicitação das formas mais elaboradas da patologia como método para dar conta das formas mais simples.

Na experiência psicanalítica, foram isoladas como características desses autistas: a impossibilidade de enunciação e um tratamento próprio da linguagem, a fixação particular de um objeto autístico, a criação e manejo do duplo e ilhotas de competência. Mas a invariante, presente nos quadros mais graves até os que conseguem a inserção

no laço social, a constante em todos os níveis do espectro do autismo, é a dificuldade de o sujeito tomar uma posição de enunciador em virtude de uma escolha, uma decisão de se isolar. Ele não se submete à alienação na língua do Outro, oscilando do mutismo, modo mais radical de retenção á linguagem a fala de papagaio ou ecolalia, fala no vazio, pois não se endereça a um interlocutor , tal como é indicado no texto de Lacan

(...) Como o nome o indica, os autistas *escutam a si mesmos*. Eles ouvem muitas coisas. Isso leva, normalmente, à alucinação – e a alucinação sempre tem um caráter mais ou menos vocal. *Nem todos os autistas escutam vozes, mas eles articulam muitas coisas e trata-se, precisamente, de entender onde escutaram o que articulam.* (...) Eles não conseguem escutar o que o Sr. tem para dizer-lhes enquanto se ocupa deles. (...) É muito precisamente (*a dificuldade de escutá-los, a linguagem deles como algo fechado*) o que faz com que não os escutemos. O fato de que eles não o escutam. Contudo, enfim, há, certamente, algo a lhes dizer. (...) Trata-se de saber por que há algo no autista, ou no chamado esquizofrênico, *que se congela*, se pode dizer isso. O senhor, porém, *não pode dizer que ele não fala. Que o senhor tenha dificuldades para escutá-los, para dar seu entendimento ao que dizem, não impedem que sejam, finalmente, personagens bastante verbosos.* (LACAN, 1975/1998, pp. 12-13; grifos nossos)

Ele os qualifica como personagens verbosos, aproximando-os da psicose, mas sem igualá-los porque deixa a possibilidade ao autista de estar presente, de alguma forma, na linguagem. Acrescenta que escutam e que articulam, o que aponta para algo da ordem de uma alteridade se apresentar para eles. Destaca que aí há algo que se congela, mas que não se pode dizer que ele não fala, o que deixa a questão de onde deriva essa fala.

Os autistas apresentam uma fala que não faz laço de comunicação com o Outro por “*não ceder seu gozo vocal para não enfrentar o desejo do Outro*” (MALEVAL, 2011, p. 89). Assim se conclui que a posição subjetiva do autista não pode ser entendida sem o estudo da economia do gozo e das pulsões, pois, ao acentuar a relação do autista com o objeto voz, se revela que esse objeto não foi cortado do corpo pela castração simbólica, não foi alojado no vazio do Outro. Operação que torna a voz afona permite ao sujeito aí situar sua enunciação e fazer ancoragem no simbólico e no laço social. Contudo, à diferença das psicoses desencadeadas, os autistas de alto nível mostram que a voz pode ser dominada, uma vez que são capazes de se inserir no laço social e muitos se tornam músicos de sucesso.

O autista fala, mas à condição *não dizer*, aponta Lacan, e pode-se constatar isso no comentário de Temple Grandin sobre a conferência de um sociólogo na qual diz que seres humanos não falam como computador. Temple contesta-o, afirmando que ela pensa como um computador, explicando etapa por etapa seu pensamento, revelando que os dados objetivos são totalmente separados dos emocionais (SACKS, 1995, p. 291). O autista faz uma escolha de não responder ao apelo do simbólico encarnado pela mãe (Outro) e isso tem efeitos na subjetividade e produz alterações no corpo. Sua recusa, a falta de consentimento de ser afetado pelo traumatismo da *alíngua* e ter acesso ao Outro da linguagem pelo qual o ser se humanizaria e entraria em comunicação com os pares, o deixa enclausurado em um gozo próprio, com um modo particular de uso da linguagem, uma aparência robótica e um corpo em disfuncionamento e perturbado.

A biopolítica, que implica o esmagamento da singularidade ignorando o sujeito e sua responsabilização pelo desejo e gozo, encontra como obstáculo o que procede do real, real situado por Freud como condição da existência humana – a pulsão. Isso porque não há nenhum procedimento técnico que consiga representá-la ou digitalizá-la, nenhuma especialidade ou método que a domestique, fazendo do autismo sua melhor metáfora, pois se trata da relação do sujeito com o Outro na sua origem, na sua precocidade, isto é: o sujeito nascendo do circuito pulsional ao se agarrar ao significante, movimento em fracasso nessa peculiar psicose.

Para Freud, a pulsão é um conceito limite, uma interface na problemática do dualismo corpo e espírito. Ao considerar a vida mental de um ponto de vista biológico a pulsão

aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência de trabalho que é feita à mente, no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1915/1974, p. 142)

Essa abordagem pelo lado biológico será deslocada de forma sutil nos destinos das pulsões tomados em seu aspecto linguístico, ou seja: quando a pulsão é tomada pela enunciação de suas formas verbais. Isso conduz Lacan a sublinhar o manejo efetivo de uma gramática pulsional na constituição do sujeito e do corpo, pois não se é um corpo, mas se tem um corpo, o que depende da operação do significante no real do corpo, ou seja, do enlace pulsão e significante.

A rejeição radical de “das Ding” pelo autista, a exclusão desse vazio – desse exterior íntimo que é o campo visado pela pulsão – impede o recorte e esvaziamento do corpo que em perturbação não faz sintoma o que deixa o autista fora do discurso e fascinado ou aterrorizado pelo buraco. Assim, o autista não acede ao Outro simbólico, a pulsão emerge no real e atravessa o corpo, o objeto permanece no campo do sujeito e o corpo emerge como uma superfície pura, uma Banda de Moebius sem furo, o que faz com que ele se confunda com os objetos.

No tempo da alienação ao significante, quando deveria haver uma escolha entre o ser e o sentido, “a criança recua e anula o Outro do significante ficando diante da intrusão de um (...) tirano absoluto (...) duplo de si mesmo com o qual faz Um” (NOMINÉ, 2001, p. 13 ). Esse Um se opõe ao Outro, o autista se recusa a ser reduzido ao corpo como objeto do gozo do Outro, dessa forma impede o laço pulsional que o ligaria ao Outro. Obstaculizando a erogeneidade pulsional com a qual faria laço com o Outro, o autista se defende contra mortificação simbólica neutralizando o Outro, deixando seu corpo sem marcas significantes inscritas, pois a pulsão não se liga ao inconsciente.

Maleval (2010, pp. 3-4) caracteriza “o *‘autismo pela’ retenção do objeto de gozo vocal*”, o que resulta, quando o sujeito sai do mutismo, “duas maneiras de lidar com a linguagem”:

- ou “*o autista fala com sua linguagem verbosa*”, com sua “*voz centrífuga*”
- ou “*ele usa uma linguagem funcional ou factual*”, conectado a uma “*voz de falsete*”, ou síntese dirigida por um objeto.

A língua verbosa está a serviço de um gozo solitário da voz de modo que ela não tem valor de comunicação. Ela produz solilóquios pronunciados para fins de autossatisfação, só interessada na própria voz, mais presente nos autistas de Kanner, enquanto os autistas de Asperger usam mais a língua factual para se comunicar, acumulação de fatos traduzidos por meio de signos e não de significante que trazem a enunciação, os afetos e ambiguidade.

A relação do autista com a linguagem reduz o Outro a um conjunto de signos que exclui o significante, sendo constituído de ícones e índices – um Outro real. É uma língua que não serve à comunicação dado seu caráter funcional e de acumulação de fatos devido à conexão rígida da palavra com o referente. No autismo, a palavra não

mata a coisa. O signo não apaga a coisa representada, não funciona como recipiente do gozo por isso esse tipo de signo não serve para inscrever o gozo no corpo. Isso ocorreria se na primeira relação com o Outro, na inscrição da pulsão oral, o autista cedesse o gozo, produzindo a queda da voz como órgão da palavra “*o que permite modelar o vazio do Outro, fazendo assim deste um lugar apto a receber um significante portador da enunciação*” (MALEVAL, 2011, p. 75). Ele recusa por sua voz aí, e por não incorporá-la, a retém, o que afeta a inscrição do sujeito no campo do Outro sob o significante unário.

Vê-se na história de Temple Grandin os signos do gozo que surgem da dimensão desse Outro puro real no uso que faz das palavras. “*Antes da entrada na escola falava frases de uma palavra só – gelo, vou, meu, não, voz inexpressiva, pouca inflexão e sem ritmo*” (1999, p. 27). “*Quando criança, eu omitia as palavras como ‘é’, ‘o’ ou ‘este’ pois isoladas elas não significavam nada para mim (...). Ainda hoje, certas conjugações como a dos verbos ‘ser’, não tinham nenhum sentido para mim*” (GRANDIN, 1995, p. 41).

Ela justifica a dificuldade com a abstração e o conceito por ter uma mente diferente, uma vez que pensa em imagens. Isto implica tomar a linguagem como signos do tipo ícone e índice, signos que representam o objeto por similaridade (semelhança) ou possui as mesmas características que o objeto, excluindo o Outro simbólico.

As palavras espaciais, como “acima” ou “abaixo” careciam para mim de significado até que tive uma imagem visual com a qual as fixava em minha memória. (ibid., p. 7) (...) Também visualizo os verbos. A palavra “saltar” evoca em minha mente a lembrança de caminhos com obstáculos das “Olimpíadas” da escola primária. O advérbios convocar imagens incorretas rapidamente (“quickly”) me recorda o chocolate Nesquik. (...) Quando fui crescendo aprendi a converter as ideais abstratas em imagens, para poder entendê-las. Visualizava conceitos tais como a paz ou a honestidade mediante imagens simbólicas. Pensava na paz como uma pomba, um cachimbo da paz dos índios, ou a assinatura de um acordo de paz em um noticiário de televisão. (Ibid., p. 8; tradução nossa)

O encontro traumático do autista com a língua é tão insuportável que ele não cede a sua voz à articulação pulsional com o Outro, o que impede a cifração do gozo pelo traço unário. Assim, a linguagem não se libidiniza e permanece como objeto sonoro e estranho. Ao recusar o engajamento da voz na palavra, ficando excluído o Outro simbólico, a construção da realidade será feita com signo, sendo que esse império sgnico leva o autista a manter a imutabilidade de seu mundo. Há aquisição de linguagem, mas sem colocar em jogo o circuito da pulsão invocante, esse não aparelhamento da

linguagem e corpo repercute no corpo e na estruturação do mundo das sensações e percepções e na constituição de uma imagem do corpo. Essa lógica do signo afeta o objeto de certa negatividade, mas sem que haja perda, o objeto fica colado ao seu corpo, sem separar-se dele.

Alguns autistas tem às vezes problemas com os limites corporais. Não podem apreciar o tato onde termina seu corpo e onde começa cadeira em que estão sentados ou o objeto que estão tomando. Se parecem com o que experimentam as pessoas que perdem um membro, mas seguem tendo a sensação do membro em seu corpo. Nesse caso, eu sentia as peças dos equipamentos que prendiam o animal como se fossem uma continuação do meu próprio corpo, como no efeito do membro fantasma no amputado. (Ibid., p. 13; tradução nossa)

Colette Soller traz precisões ao estudo do autismo ao afirmar que se trata de uma doença da libido (2007, p. 74), pois Freud separa a pulsão da libido. A pulsão como força constante é deriva, pura errância, precisa dos quatro elementos para se constituir: fonte, alvo e objeto além da impulsão. Montagem que se verifica no trajeto que finalizado contorna um puro vazio, isolando o objeto que sustenta o circuito circular pela articulação da pulsão com a linguagem. Lacan não reduz a libido a uma energética, apresenta-a como sendo libido – órgão-parte e libido instrumento “(...) é como superfície que ela ordena esse campo de forças. Essa concepção é posta à prova ao se reconhecer a estrutura da montagem que Freud conferiu à pulsão e ao se articular com ela” (LACAN, 1964b/1998, p. 861; grifos nossos).

É a forclusão do falo que faz a intermediação da linguagem e do gozo do corpo que impede a investidura libidinal, deixando o autista enclausurado num gozo que escapa ao domínio do significante. A falta de extração do objeto impede a estruturação do corpo em sua consistência, pois há carência de furo no Outro (ausência do desejo do Outro). Isso deixa o autista preso a uma homogeneização de gozo sem regulação, a um excesso do qual só sairá se fizer um trajeto de enlaçamento do significante ao corpo, admitindo a presença do significante amo, na tentativa de cingir uma topologia de bordas, inventando um lugar para seu corpo.

A borda é o que permite que uma coisa se distinga de outra, a borda no espaço topológico do gozo situa um dentro e um fora, o bom e o mau, o anterior e posterior. Ela depende de um acontecimento inaugural, que introduz a diferença no campo do homogêneo, implicando a queda do S1 e permitindo a multiplicidade identificatória porque introduz a dimensão do Outro radical, fundante. Considerar o autismo como

patologia da libido permite tratar a singularidade, os modos como cada sujeito tenta construir uma borda, uma marca do encontro traumático com a língua. Isso não implica tomar as pulsões no autismo na ordem da psicogênese, mas no campo de uma montagem a partir da qual o sujeito busca se inscrever no simbólico.

O espectro do autismo situado na DSM V que inclui desde o quadro mais grave com ausência de linguagem até o quadro de alta performance, os Asperger que não apresentam problemas de aquisição de linguagem e muitos deles alcançam autonomia evidenciam que não há uma ocupação topológica uniforme nesse campo, pois suas diferenças se devem ao fato de que em alguns não se verifica a presença de rastro, em outros, o rastro não foi apagado e há os que atingem o S1 que se congela. Na clínica, constata-se essas diferenças na tentativa de levar a libido à condição de gozo, pois há autistas que constroem bordas e outros que não o fazem, implicando um encapsulamento mais radical.

O fracasso da instauração do circuito pulsional no autismo implica um corpo sem movimento orientável a um ato, um objeto entre os outros como se constata quando a criança pega parte do corpo de um outro como sua extensão, como apontado no caso Joey de Bettelheim, que usa o braço da educadora para pegar objetos e também no seu movimento robótico. A pulsão faz apelo a algo do Outro, o objeto a, ela consiste num circuito apoiado sobre uma borda constante que faz giro contornando o objeto a, vazio topológico necessário para fechar o circuito pulsional, tal como é apresentado no teorema de Stokes no seminário XI. A pulsão é uma montagem na qual a *Drang* (impulso) só tem sentido em relação com a *quelle* (fonte) que inscreve na economia da pulsão sua estrutura de borda. O fluxo libidinal que corre ao redor da borda é equivalente a emissão de fluxo libidinal que passa através do buraco como torvelinho, como se fossem saca-rolhas. Isso faz dessa borda algo não estático, pois se contrai/dilata. Essa borda que abre e fecha produz o objeto, por exemplo, o pestanejar, que é uma forma de fazer circular o fluxo libidinal ao redor das bordas do orifício palpebral. Na criança autista é necessário criar bordas, lugares de relevo, criar movimentos ondulatórios nas bordas, criar emissão libidinal.

A libido é a lamela que o ser do organismo desliza até seu verdadeiro limite que vai mais longe que o do corpo. (...) Essa lamela é órgão por ser instrumento do organismo. (...) Isso porque o significante como tal barrando por intenção primeira o sujeito, nele fez penetrar o sentido da morte. (Ibid., p. 862)

A lamela esse órgão incorporal tem elasticidade, pois desliza até certos limites, limites que podem ser ampliados como o de um território animal para além de seu corpo. A libido como mito diz respeito à origem do gozo que se imiscui, aloja-se e constitui-se em uma satisfação ilimitada em si mesma e no encontro de seu limite. É o resto que permanece da elaboração significante, ali onde a libido deixa de ser substância fluida e se torna órgão suporte, matriz dos objetos perdidos. A libido então se recupera como objeto perdido pela separação, recobrando a falta induzida pelo efeito significante. Soler indica que no autismo a libido não se configura como libido-órgão que depende da abertura da fonte que só funciona marcada pelo significante, fazendo corresponder o corte do sujeito ao corte da zona erógena sobre o corpo.

No fundo, o autista dobrado sobre seu próprio corpo, sobre o erotismo do corpo próprio, ilustra de forma muito fácil de captar a falta do órgão incorpóreo, dessa extensão do organismo libidinal em torno do corpo. Para os outros, a elasticidade é variável. É verdade que para o humano não há território prescrito.(...) O organismo libidinal não tem a mesma dimensão e cada um fabrica para si, seu próprio território com sua libido. É preciso dizer em geral que seu perímetro é limitado também. É nesse perímetro que se alojam, para cada um, os objetos que contam, que sejam os objetos de amor, do sexo ou do trabalho. (SOLER, 2001, p. 6)

A lamela como objeto perdido, concentrado de gozo, encontra seu limite na perda que constitui objeto a laciano, pedaço de libido tornado manejável e incluído na estrutura. A partir daí, a libido não está mais em toda parte e em lugar nenhum, pois se localiza em um lugar, já que, caso contrário, permanece como uma máquina desregulada a ser reparada. De uma circulação em todas as direções a um ponto de referência, uma localização limitada pela objetivação da perda, Lacan fala de gozo onde Freud fala de libido, indicando que não basta tratar do como escoar ou onde isso escoar, mas o mais problemático é o laço do sujeito com isso, ou seja, “quem goza ou o que goza”, o que é o mais problemático.

No autismo não há *Lust-Ich*, resta o *Real-Ich*, filtragem da estimulação à descarga (LACAN, 1964a/1985, p. 180). No primeiro tempo do *Real-Ich*, só há objetos bons para mim enquanto no tempo do *Lust-ich* se constitui o campo do *Unlus*, do objeto como resto, estranho. A queixa de Grandin sobre a dolorosa invasão dos estímulos em seu corpo ilustra isso.

Hoje, já adulta, sou capaz de bloquear estímulos exteriores (...) mas é impossível filtrar o rumor do fundo do aeroporto ao mesmo tempo em que falo ao telefone (...). O mesmo

acontece com as crianças autistas. Elas se veem diante de uma escolha de ou dedicar-se a um autoestímulo – como girar, mutilar-se a si próprio – ou fugir para o mundo interior a fim de filtrar os estímulos. Casos contrário, afogam-se no excesso de muitos estímulos simultâneos e reagem com ataques de nervos, gritos e outros comportamentos inaceitáveis. Os mecanismos de autoestimulação ajudam a acalmar um sistema nervoso central superexcitado. (GRANDIN, 1999, p. 31)

Tudo o que é definido no nível do *Ich* toma seu valor sexual em função da apropriação de cada um desses campos por um desses campos por uma das pulsões parciais. Os destinos pulsionais estão ligados à língua, ao registro do verbo, verbos ativos que se transformam em passivos ou reflexivos. Razão pela qual vemos em Grandin o artifício da máquina de apertar como uma montagem que busca situar a lamela, a libido como órgão que se ordena como superfície criada numa borda fechada. Da autossensualidade nos movimentos corporais dos autistas apontada por Tustin (girar, balançar, bater) que se reduzem ao ativo ou ao passivo, vemos na autista a virada da posição de agente ao se fazer apertar, indicando o fecho da pulsão, agarrando um objeto.

Na conversa com Sacks Temple, explica sua “máquina de pressão”

O mecanismo tinha dois lados de madeira pesados e inclinados, talvez com um metro e meio por um metro cada, prazerosamente estofados com um enchimento espesso e macio. Eram ligados por dobradiças a uma prancha de base longa e estreita, criando uma calha do tamanho de um corpo e em forma de V. Havia uma complexa caixa de controle numa das extremidades, com tubos muito resistentes levando a outro mecanismo, dentro do armário. (...) Proporciona uma pressão firme, porém confortável sobre o corpo, dos ombros aos joelhos. (...) Tanto uma pressão regular como variável ou pulsante, como você desejar. “Você arrasta-se para dentro dele” e deve ligar o compressor com todos os controles na mão. (SACKES, 1995, p. 176)

Grandin nomeia sua invenção “*squeeze machine*” e justifica sua motivação para se submeter a tal máquina:

Quando era uma menininha, disse, desejava muito ser abraçada, mas ao mesmo tempo ficava aterrorizada com qualquer contato. Quando era abraçada, especialmente por uma tia predileta (e gorda), sentia-se esmagada, subjugada pela sensação; tinha um sentimento de prazer e paz, mas também de terror e de ser afundada. (Ibid., p. 177)

Ela inventa um artifício agora baseado num significante “*squeeze*”, que suporta uma polisssemia, utilizada por Grandin, pois ela fala em máquina de apertar, de abraçar, de conter, de imobilizar, de pressionar, estreitar, espremer. Numa entrevista ao jornal Folha de São Paulo, ela relata :

Depois de retornar da fazenda dos meus tios, fiquei fascinada pelo brete de gado. O brete é um mecanismo para conter e imobilizar os animais para vacinação. Consiste num compartimento de metal com painéis que comprimem o animal de ambos os lados do corpo. Ao observar o gado passando pelo brete, notei que, algumas vezes, os animais relaxavam quando a pressão dos painéis laterais era aplicada sobre seus corpos. (...) Sofrendo constantes ataques de pânico, resolvi experimentar o aparelho de pressão. Descobri que a compressão aplicada pelo tronco aliviava minha ansiedade e o meu nervosismo. (...) me fixei nisso e fiquei motivada a provar que o efeito relaxante era real.(...) O sr. Carlock viu nisso uma oportunidade para me motivar ao estudo. Ele me falou que era para descobrir por que a pressão tinha um efeito relaxante, então eu tinha que estudar ciências (...) direcionou a tremenda aptidão autista da fixação e usou isto para motivar um estudo acadêmico. (GRANDIN, 2013)

Ela tinha 5 anos quando começa a devanear sobre uma máquina mágica que pudesse espreme-la com força, porém, gentilmente, numa espécie de abraço e de uma maneira inteiramente controlada por ela. Anos mais tarde, quando adolescente, viu a foto de uma calha afunilada desenhada para impedir a passagem ou conter o gado e concluiu que era aquilo: uma pequena modificação para adaptá-la ao uso humano, e podia ser sua máquina mágica. Pensou também em outros mecanismos, roupas infláveis, que pudessem exercer uma pressão uniforme em todo o corpo, mas a calha afunilada, em sua simplicidade, era completamente irresistível (SACKS, 1995, p. 177).

No objeto autista idealizado para aliviá-la e se manter em relação com o outro, vemos artifícios para expandir as fronteiras como a porta e o brete – máquina de imobilizar animal. Esses objetos funcionam como fronteiras entre seu mundo seguro e imutável e o mundo dos outros, incoerente e angustiante. É o sofrimento da solidão que a faz sair do isolamento gradualmente, lançando seu pseudópodes em direção ao mundo que lhe fora estranho e hostil. Esse artifício permite instaurar a pulsão no simbólico; a pulsão sexual é sempre parcial e é uma montagem que só se sustenta dos quatro elementos cujo movimento se dá em torno de um buraco, lugar do objeto a. É essa montagem que o aparelho inventado – a alma de Temple Grandin – vai ter como função suprir, percurso que se inicia com as primeiras máquinas inventadas e passa por várias etapas.

Em Freud, no plano das pulsões parciais, o par sadismo-exibicionismo (e também *voyeurismo*-exibicionismo) tem um estatuto à parte: a orientação do percurso em circuito, característica de toda pulsão, segundo os destinos *reversão no contrário* e *retorno contra a própria pessoa*. O circuito pulsional compreende os três tempos: atormentar, ser atormentado, e se atormentar, tempo no qual se acrescenta a qualidade autoerótica e alo-erótica. Lacan destaca, nesse tempo, o fechamento do trajeto circular da pulsão, e a traduz por um se fazer ser atormentado, destacando a atividade, a posição do agente e a instauração do novo ser – o sujeito pulsional.

A linguagem é aparelho de gozo, o que implica que é somente pelo significante que é possível uma montagem a qual corresponda ao fluxo libidinal que poderá se deslocar do eu ao objeto. É a unicidade significante que permite constituir o *se fazer*, o atormentar que a máquina de pressão instaura, o retorno de uma pulsão – da atividade para a passividade – e a reversão de seu conteúdo. A fonte do órgão no sadismo é a musculatura, capaz de ação e de reenviar a outro objeto que pertence, ele mesmo, ao corpo do sujeito.

A pulsão sadomasoquista tem um objeto – a voz –, afirma Lacan, de um Outro ao outro e “em nenhuma parte o sujeito está mais interessado no Outro do que através desse objeto a” (1968-69/2008, p. 249). É a voz do gozo do Outro, feroz obscena, voz não registrável, voz fora de todo enunciado que impõe um lugar, um nome. Voz que separa da pulsão de morte sua ilimitação e sua força inextinguível de produção e torna possível localizar no plano horizontal da ida pulsional, no eixo metonímico da linguagem, o eixo das sucessões que em Sade constitui as cenas de tortura. Mas o deslizamento da voz retorna sobre a própria pessoa (sobre o inconsciente) como passividade, instituindo o masoquismo – tormento infligido a si mesmo. Finalmente, no terceiro tempo, a pulsão toma o que seria um outro, substitui o objeto auto e indiferente para um outro do qual ele fará o agente da realização de um trajeto em se fazer atormentar, onde Lacan situa o novo sujeito – sujeito pulsional.

A máquina de pressão é uma montagem com os quatro elementos da pulsão para dar conta de sua circularidade, da libido com o órgão, permitindo um movimento entre o eu e o outro. É a ficção de uma lamela que coloca em jogo a pulsão sadomasoquista – o se fazer atormentar/espremer – e essa montagem foi ato de uma decisão, uma escolha de Temple Grandin, mas isso foi possível devido à constituição de um duplo, duplo real, a partir do qual começa imaginar uma saída para o abismo de sua

solidão. “*Se você é um pensador visual, é fácil se identificar com animais. (...) Se todos os seus processos de pensamento estão na linguagem, como pode imaginar que o gado pensa? Mas se você pensa em imagens (...).*” (1995, p. 178).

Grandin supõe que os animais pensam por imagens, como ela; acha que pode se colocar na pele de uma vaca, a fim de ver o mundo através dos olhos dela. Essa capacidade é essencial na sua profissão, já que é uma especialista em bretes, aparelhos que servem para imobilizar, marcar, vacinar ou castrar os animais. Ela diz que, na sua segunda obra *Thinking in pictures*, colocaria como título “*O ponto de vista de uma vaca*”, pois “*quando me imagino no lugar de uma vaca, preciso verdadeiramente ser uma vaca, e não uma pessoa disfarçada de vaca. (...) Coloco-me no interior de seu corpo e imagino o que ela sente*” (GRANDIN, 1997, pp. 14 e 166).

O duplo em Temple – um animal – não é da ordem da identificação, seu sexo não tem importância porque não é dividida simbolicamente, não tem acesso à sexuação. A vaca/boi tem uma função de suplência, pois permite-lhe ter um sentimento de ter uma existência, um corpo. Ela se conecta imaginariamente ao sentimento do duplo que a completa, indicando uma relação de integração com ele, além de certa apropriação do sentimento e num ganho de uma animação libidinal do sujeito independente de seu objeto. Ela constata isso quando lhe fazem notar que a entonação de sua voz melhorou, tornando-se menos apagada, mais vívida. Ela acha que isso está ligado a um aumento de sua percepção social e ao fato de que ela não precisa mais dessa defesa contra o mundo exterior (GRANDIN, 1999, p. 90). “*(...) no brete, pude encarar os meus medos. Estava chegando finalmente ao ponto em que conseguia pensar no meu brete com prazer e afeição*” (ibid., p. 118).

Para limitar e domesticar o gozo invasivo sob a forma de um *sinthoma* que enoda, um saber fazer com o real do gozo. Grandin inventa a máquina de pressão – objeto dinâmico que se presta a animação pulsional da autista. A sensação auterótica promovida pelo aparelho – ser apertada – faz barreira contra o mundo exterior e dá proteção contra a angústia. Mas o que faz dessa invenção um *sinthoma* é que esse objeto tem como função aparelhar um gozo pulsional em excesso e principalmente porque ela afirma ser impossível sua vida sem ele.

A escolha de um objeto autístico, objeto bizarro suplementar e eletivamente erotizado, objeto de gozo fora do corpo equivalente do objeto a com o qual o sujeito

mantém uma relação de: acopla-o e rejeita-o, tomando o lugar da marca de gozo do objeto que não foi extraída pela palavra, o carretel, reserva de libido com o qual o Outro real, a coisa, pode partir.

Em Grandin vemos que a questão do autista “como cavar um buraco” para localizar o gozo em uma borda só foi possível usando o duplo real e um objeto autístico, para inventar um artifício – uma máquina de abater o gado que elimina o stress do bicho na morte e valoriza a carne. Busca freneticamente o aperfeiçoamento da “*máquina de pressão para o animal selvagem que tem medo de ser tocado*” e nota que à “cada um deles reduz ainda mais minha barreira de defensividade tátil” (ibid., p. 126).

Ela se identifica com a vaca e faz sua máquina de pressão que contém, encerra e dá forma ao seu corpo – o objeto a. –, o que só foi possível quando ela fez a morte entrar no circuito pulsional através da morte da vaca, permitindo que o aparelho de apertar/abraçar concluísse o percurso, unindo, no terceiro tempo, o auto e alo-erótico da pulsão. Isso se deu após a descoberta de dois elementos essenciais nesse percurso: a porta que franqueia uma passagem tal como ouviu do pastor sobre a salvação e “*a escadaria para o céu, dedicada às pessoas que querem apreender o sentido da vida e não temer a morte. Respeitando esses animais você pode aprender também a respeitar seu semelhantes*” (ibid., p. 129).

*“Um dia opereei o equipamento e abate (...) matei umas vinte cabeças (...) meus sentimentos (...) eram conflituosos. (...) percebi que a perícia na operação do equipamento era na verdade a arte do afeto. Paradoxalmente era no matadouro que eu estava aprendendo a dar afeto”.* (Ibid., p. 128)

Ela acalma e imobiliza o animal enquanto ele é morto, assim ela deixa cair do corpo a carne, inscrevendo no real o desaparecimento do sujeito, ponto que permite fazer o nó que instaura a libido como órgão-parte e instrumento, passando a deslizar entre eu e o outro.

Através dessa invenção, um órgão suplementar que capta e regula o gozo, Temple Grandin se insere no laço social, tornando-se uma famosa autista, nomeação que nunca recusou:

*“Em 1950, recebi o rotulo de autista, mas consegui passar para o outro lado, além das trevas, tateando no escuro e sair do abismo da solidão”* (ibid., p. 20). “(...) *Existe até um nome metido a besta para esse modo de ser*”. (Ibid., p. 119)

Tornou-se empresária bem-sucedida, PHD em ciência animal e professora universitária e pesquisadora com muitas obras publicadas. Comentando suas pesquisas científicas confessa à Sack: “*Passei a amar meus porcos enriquecidos (...) Fiquei muito apegada. Tanto que não conseguia matá-los*” (GRANDIN, 1996, p. 176). Os animais tinham que ser sacrificados ao final da experiência para que seus cérebros fossem examinados. Ela descreveu como os porcos, no final, confiando nela, deixaram que os levassem em sua última caminhada, e como ela os acalmara, afagando-os e conversando com eles, enquanto eram mortos. Ficou muito abalada com suas mortes: “*Eu chorava sem parar*” (ibid.).

De puro ser, ser vivente sem libido, libido que desliza até seu verdadeiro limite, limite que vai mais longe que o do corpo, Grandin eleva a libido ao patamar do gozo suposto, um dos nomes do real, pois, através de seu duplo real e de sua obsessão/fixação, constrói um artifício que funciona como objeto que faz borda entre o sujeito e o Outro, permitindo-lhe que se tornasse uma famosa *expert* em máquina de abate de animal, profissão que é sua vida.

## Referências

- FREUD, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GRANDIN, T. *Thinking in Pictures*. Nova York: Vintage Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Uma menina estranha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. Entrevista de Temple Grandin. *Revista da Folha de São Paulo*, maio 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/05/1284675-autismo-e-parte-de-mim-mas-nao-me-define-diz-a-cientista-temple-grandin.shtml>>. Acesso em: 7 dez. 2013.
- LACAN, J. (1964a). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1964b). *Posição do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_. (1967). Alocação sobre as psicoses da criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_. (1968-69). *O Seminário, livro 16: De um Outro não outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1975). Conferência em Genebra sobre o sintoma. *Opção lacaniana*, n. 23, 6-16., dez 1998.
- MALEVAL, J-C. O que existe de constante no autismo. *CliniCAPS*, v. 4, n. 11, 2010. Disponível em: <[http://www.clinicaps.com.br/clinicaps\\_pdf/Rev\\_11/Revista%2011%20-%20art1.pdf](http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_11/Revista%2011%20-%20art1.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

- MALEVAL, J.-C. *El autista y su voz*. Madrid: Gredos Ed., 2011.
- NOMINÉ, B. OC:\o autista: um escravo da linguagem. *Revista Marraio*, Formações Clínicas do Campo lacaniano, Rio de Janeiro, n. 2, p. 11-23, 2001.
- SACKS, O. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia Letras, 1995.
- SOLER, C. (2001). *L'em-corps du sujet*. Curso de 2001-2002, aula de 19 Dez. 2001. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:NjXsIYIO0-EJ:xa.yimg.com/kq/groups/22993861/488382867/name/C.Soler%2BL+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang\\_en%7Clang\\_pt](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:NjXsIYIO0-EJ:xa.yimg.com/kq/groups/22993861/488382867/name/C.Soler%2BL+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang_en%7Clang_pt)>. Acesso em: 10 dez. 2013.
- \_\_\_\_\_. *O inconsciente a céu aberto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

*Recebido em 20/12/2013; Aprovado em 15/1/2014.*